



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

VALQUÍRIA MARIA MENDES BOFF

**DA DIFICULDADE EM DEFINIR “LATIM
VULGAR”**

CAMPINAS

2010

VALQUÍRIA MARIA MENDES BOFF

DA DIFICULDADE EM SE DEFINIR LATIM VULGAR

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Português.

Orientadora: Prof^a Dr^a Patricia Prata.

CAMPINAS

2010

Ao colete laranja e ao jaleco amarelado

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a meus pais Hemenegildo Boff e Géssia Mendes Boff (in memoriam) pelo carinho e respeito com que me educaram e por terem sempre sido os primeiros a incentivar os meus estudos. Agradeço também à minha irmã Heloísa Helena Mendes Boff, por ter sido minha grande amiga, companheira e pessoa responsável por eu poder concluir a graduação de modo tranquilo.

Agradeço a todos os meus amigos por tornarem a graduação um momento muito feliz e inesquecível. Em especial Geovana L. L. dos Santos, Danielle C. de Lima e Evandro M. Luis por me aguentarem nos momentos mais difíceis e por terem sido companhias especiais e importantes durante toda a faculdade.

Agradeço à Marcella Abboud, que por quatro anos me salvou em questões literárias, poéticas e de vida. Por ter feito por mim coisas que a academia não permitia. Por juntas termos superado nossas maiores dificuldades e comemorado, igualmente juntas, nossas vitórias.

A todos os professores de Latim, que durante os quatros de graduação foram responsáveis pela minha formação e influenciadores diretos do meu gosto pelo estudo clássico. Sobretudo à professora Patricia Prata, minha orientadora, com quem pude contar em todas as inquietações acadêmicas com dedicação ímpar e paciência infinita.

Verba uolant, scripta manent

(Dicionário de sentenças latinas e gregas, Renzo Tosi)

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar e discutir as dificuldades com as quais nos deparamos na tentativa de definir o que é latim vulgar a partir das propostas de diversos romanistas e da concepção que os próprios antigos tinham da variedade de latim que se distanciava da língua dita, hoje, clássica.

O latim vulgar já estava constituído quando o latim clássico atingiu seu apogeu, conviveu com ele e sobreviveu a ele, portanto, ao tentar caracterizá-lo, consideramos sua vasta história e pensamos nas diferentes categorias usadas para classificá-lo em cada momento dessa história e não em toda a sua existência de uma só vez.

A partir daí, questionamos se ele sempre foi o latim usado pelas classes mais baixas, se suas diferenças pelo território tiveram sempre a mesma significância, ou seja, se os aspectos que conferiam unidade e os que diferenciavam a língua falada em cada parte do território foram sempre os mesmos.

ABSTRACT

This study aims to present and discuss the difficulties that we usually fall when we try to define what is vulgar Latin from the proposals of several romanists and from the notion that the ancient Romans had about the variety of language that was already far from what now we call classical Latin.

Vulgar Latin was already formed when classic Latin reached its peak. Vulgar also lived with classic side by side and survived. Therefore, when trying to characterize it, we consider its wide history and think about different categories used to classify it in each moment of its history, not throughout its existence at once.

From this stand, we think if vulgar Latin had always been the language used by the lower layers of the society, or if its differences across the Roman territory had the same significance, i.e. if the unifying aspects and the ones that distanced the various forms of the spoken language in each part of the territory were always the same.

SUMÁRIO

Introdução	9
I. A problemática em definir latim vulgar	12
1.1. Variação vertical e horizontal	13
1.2. Homogeneidade e heterogeneidade	18
1.3. Língua falada X língua escrita	20
1.4. Variedade linguística	21
II. O latim vulgar para os Antigos	24
Conclusão	32
Referências Bibliográficas	34

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é apresentar e discutir as dificuldades com as quais nos deparamos quando tentamos definir o que é latim vulgar. Não pretendemos aqui resolver todos os problemas que aparecem nas definições já existentes, mas sim mostrar como e por que elas são problemáticas.

O interesse por essas questões surgiu a partir da leitura de O problema do latim vulgar, de Maurer (1962). Nessa obra, são discutidas questões como o caráter heterogêneo e homogêneo do latim vulgar¹, sua constituição popular, sua penetração nas classes mais altas, sua expansão pelos territórios do Império e sua gradual evolução até o surgimento das línguas românicas.²

Esses pontos são discutidos por Maurer de forma muito esclarecedora entretanto, não nos parece que, acerca de um assunto de tamanha complexidade não haja divergências. Dada a complexidade do assunto, fomos pesquisar as ideias de diversos filólogos, tanto da Antiguidade quanto contemporâneos, e pudemos notar, em meio à dificuldade que existe para caracterizar esse latim que originou as línguas românicas, uma característica presente em todos os autores para definir o latim vulgar: a classe social dos que a empregavam.

Sabemos que, no auge do Império Romano, estava estabelecida uma distinção entre o latim clássico, usado pela aristocracia e o latim vulgar, de que fazia uso a plebe. Entretanto, a história da língua latina é muito longa e não se restringe apenas ao momento do apogeu do Império, nos séculos I a.C. a I d.C. Em época anterior, falava-se

¹ No prefácio de A gramática do latim vulgar, Maurer diz ter por objetivo “salientar a unidade essencial do latim vulgar”. Porém, segundo ele, “o latim vulgar nunca constituiu um todo uniforme, sem variantes dialetais”; afinal “em toda língua viva, a unidade existe ao lado da variedade” (1959, p. 6-7).

² Aspectos que serão posteriormente tratados em maior profundidade neste trabalho.

o latim chamado hoje de arcaico e, como em qualquer outra época, havia diferenças sociais. Porém, não sabemos se isso foi tão forte a ponto de fazer com que houvesse diferenças linguísticas significativas entre a porção mais rica e a mais pobre como na época do Império.

Podemos pensar que talvez, nesse momento, não houvesse uma diferença tão significativa entre o que viria a ser o latim clássico e o vulgar: segundo Maurer (1962, p. 59), o latim vulgar teria surgido entre os anos 250 e 200 a.C., assim como para Väänänen (1968, p. 35), que data seu nascimento no fim do período arcaico, durante a fixação do próprio latim “comum”.³ Podemos, seguindo o raciocínio de Meillet (1933) de que o latim teria surgido como um dialeto do indo-europeu, pensar que o latim vulgar surgiu como um dialeto regional⁴ do latim referente ao Lácio, ainda que nos pareça mais provável que ele tenha surgido como um dialeto social condicionado pelo uso e pela classe social, que, se não era ainda explícito para a sociedade, como no período clássico, estava, ao menos, latente.⁵

Embora seja interessante considerar o estatuto do latim vulgar em suas diferentes fases (ou seja, como dialeto social, dialeto regional ou língua) e nos diversos períodos (o que configuraria um real estudo diacrônico), não é nosso intuito aqui abarcar todas as

³ Segundo Ilari (1992, p. 64), o latim arcaico vai do século VI a.C. ao século III a.C. e o latim clássico, do século II a.C. ao século V d.C.

⁴ “Variedade linguística regional ou social, mais ou menos identificável. Toda língua que se usa numa área relativamente extensa é falada de maneiras diferentes conforme os lugares: são seus dialetos regionais. Além disso, mesmo em uma única comunidade, a língua pode ser falada de maneiras distintas pelos membros dos diversos grupo sociais: essas formas diferentes são dialetos sociais ou socioletos (TRASK, 2004, p. 79).”

⁵ As fontes escritas mais importantes do latim arcaico são as 21 comédias de Plauto que nos restaram e as seis de Terêncio. Por serem comédias, permitem a inserção de barbarismos e vulgarismos e, talvez, possam refletir tanto a fala da plebe, quanto do segmento mais culto da sociedade da época. Segundo Cardoso (2006), em *Estico de Plauto*, já se tentou caracterizar as comédias de Plauto como exemplo de latim coloquial, de caráter popular, mas hoje já não se considera que elas reflitam a linguagem falada de seu tempo. Entretanto, acreditamos que, por mais que as comédias não possam funcionar como um espelho da língua falada na época, a caracterização das personagens através de uma linguagem estilizada certamente não era infundada, o que nos permite pensar que, talvez, ela guarde aspectos que nos remetam à realidade.

fases do latim (isso não caberia em uma monografia). Pretendemos, assim, realizar um levantamento das definições modernas do que venha a ser o latim vulgar, tentando verificar se tal conceito era de alguma forma o que estava presente nos autores antigos quando se referiam à língua falada pela plebe.

Para tanto, no primeiro capítulo apresentaremos as definições de latim vulgar de alguns estudiosos modernos e, no segundo capítulo, excertos de Cícero e Quintiliano por nós traduzidos⁶ e um breve comentário sobre tais passagens que ilustram o que pretendemos dizer.

A escolha dos excertos se deu pela necessidade de fazermos um levantamento de passagens em que aparecessem termos que são muitas vezes tomados como sinônimos de latim vulgar (como *rusticitas* ou *peregrinitas*), a fim de, em uma breve observação, verificar como Cícero e Quintiliano os entendiam.

Através dos comentários de Cícero e Quintiliano sobre o *sermo urbanus*, objetivamos entrever o latim vulgar no sentido de ser tudo o que não é, segundo esses autores, o melhor uso do latim (ou seja, a *rusticitas*, a *peregrinitas*, o desacordo com as regras gramaticais, o afastamento de um latim mais burilado, estilizado e literário).

⁶ Os trechos dos textos originais aqui empregados foram retirados das seguintes edições: Harvard University (*Brutus e Orator*), Les Belles Lettres (*De Oratore*) e Oxford University (*Institutio Oratoria e De Officiis*).

I. A PROBLEMÁTICA EM DEFINIR “LATIM VULGAR”

Väänänen teria razão ao repetir as palavras que ele afirma serem do consagrado latinista Einar Löfstedt: “na realidade, não se chegará jamais a definir latim vulgar de uma maneira lógica, incontestável e adequada”.⁷ Assim como Väänänen, Silva Neto também assume essa dificuldade, dizendo que “Não foi fácil problema estabelecer, rigorosamente, o conceito de latim vulgar” (1957, p. 11).

De fato, muitas são as definições a que se chega na tentativa de explicar o que seja latim vulgar. Além disso, os estudiosos não costumam explicitar a época a que fazem referência quando definem o latim vulgar e, como veremos adiante, considerando que ele foi se modificando (assim como seu estatuto) ao longo do tempo, podemos dizer que uma definição cabível para o latim vulgar da época de Cícero, talvez não valha para o século III ou IV d.C., visto que a sociedade já havia passado por inúmeras mudanças e, com ela, também a língua.

Para entender essa dificuldade, recorreremos aos romanistas contemporâneos, atendendo-nos principalmente às definições de Basseto (2001), Ilari (1992), Lausberg (1965), Maurer (1962), Silva Neto (1957) e Väänänen (1968). Na leitura desses autores, pudemos notar que as categorias usadas na definição do termo são praticamente as mesmas, apesar de uma ou outra receber maior ou menor ênfase em cada um deles. Comparemos, então, as proposições desses autores dentro de cada um dos critérios utilizados por eles, na tentativa de apontar suas semelhanças e diferenças.

⁷ En realidad, no se llegará jamás a definir el latín vulgar de una manera lógica, incontestable y adecuada (VÄÄNÄNEN, 1968, p. 32).

1.1 Variação vertical e horizontal

A variação vertical é um dos aspectos que mais aparece como categoria de definição nos autores. A partir desse ponto de vista, caracteriza-se o latim de acordo com a camada social em que seus falantes estão inseridos, ou seja, de acordo com o nível de instrução, a atividade profissional, a qualidade de vida do falante. Silva Neto diz que “o latim vulgar é a fala diária da maior parte da população, elementos esses que compunham a camada social inferior” (1957, p. 30). Segundo Basseto, o sermo plebeius era essencialmente falado e era a norma da porção menos favorecida da sociedade. Essa porção da sociedade era tão desprezada pela aristocracia que esse latim foi ignorado pelos estudiosos romanos, mas era vivo e real, tanto que acabou por originar as línguas românicas (2001, p. 92).

Como argumenta Maurer (1962), tendo em vista que uma sociedade e sua língua são indissociáveis, as diferentes variedades faladas refletem as diferentes sociedades que viviam em Roma: de um lado, uma sociedade rica, aristocrática e conservadora; de outro, uma sociedade pobre, plebeia e aberta a todas as influências (cf. ILARI, 1992). Considerando essas diferenças tão fortes entre os costumes e as condições de vida desses grupos sociais, não podemos pensar que eles utilizassem a língua da mesma maneira; afinal, um subgrupo educado, voltado à intelectualidade, com costumes elegantes e sentimentos refinados, certamente se expressará de modo diferente de outro que não teve acesso à cultura formal e à escrita, com costumes simples e pouco conforto material (MAURER, *ibid.*, p. 106).

Um exemplo disso na literatura é a *Cena Trimalchionis* (capítulos 27 a 78 da obra *Satyricon*, de Petronio), que relata o banquete dado por Trimalquião, um novo rico. Nessa seção da obra, esse personagem é mostrado fazendo uso de uma variante mais

popular da língua latina, assim como os personagens de camadas sociais mais baixas. Isso mostra que Trimalquião, mesmo tendo muito dinheiro, não possuía o refinamento dos aristocratas romanos. Segundo Adamik (1990, p. 1 apud BIANCHET, 2004, p. 291), para alguns autores, o uso de formas consideradas vulgares em *Satyricon* não foi casual, mas tem a intenção de caracterizar os personagens das classes inferiores, o que nos faz pensar em quão grande era o conhecimento de Petrónio em relação à linguagem; afinal, além de dominar a língua clássica, ele mostra, a partir disso, ter consciência dos “desvios” cometidos por certa parcela dos falantes de latim.

Podemos encontrar no texto de Petrónio diversos exemplos, nos diferentes campos gramaticais, que se contrapõem às formas ditas clássicas. Dentre as alterações fonéticas, observamos a síncope vocálica nas ocorrências *dextrum*, *dextro*, *dextros*, *dextram*, *dextrae* e *dextra*, para as formas clássicas *dexter*, *-era*, *-erum* (“direito”) (BIANCHET, 2002, p. 25). No quadro morfológico, temos a ocorrência de *lampadas*, que mostra a mudança de paradigma da palavra *lampas*, *-adis* (“tocha”) da 3ª para a 1ª declinação *lampada*, *-ae* (idem, *ibid.*, p. 59). No campo sintático, podemos notar a mudança da ordem clássica SOV para SVO, que aparece, por exemplo, em (...) *neque ego ullum sentiebam dolorem* (id., *ibid.*, p. 162)⁸. No léxico, um grande número de helenismos, como *athla*, “luta pela vida” (id., *ibid.*, p. 239) ou *heros*, “herói” (id., *ibid.*, p. 244), subverte o “purismo” clássico. Porém, devemos atentar para o fato de que não se deve olhar para essas formas como se fossem representações indiscutivelmente fiéis da língua falada pela plebe da época.

A partir do século II d.C., época de Trajano, o Império começa a ruir. Em decorrência da descentralização e do enfraquecimento político por que Roma passava, o território começou a ficar suscetível às invasões dos povos bárbaros, que acabam por

⁸ Tradução: “Eu nem sentia dor alguma.”

depor Rômulo Augústulo em 476, marcando o fim do Império Romano (ILARI, 1992, p. 46). A fim de se proteger e se adaptar às intensas invasões no Império, as pessoas começam a mudar seu modo de vida, abandonando a vida urbana e começando a viver no campo. Com os poucos recursos com que passam a viver, o padrão de vida e os próprios costumes da mais alta aristocracia começam a se modificar e, com eles, também a língua. De acordo com Maurer, o aniquilamento da vida urbana arruinou o latim mais requintado e “o que continuou vivo foi a rustica romana lingua, latim pobre e humilde das populações campestres e dos habitantes das vilas e aldeias” (ibid., p. 113).

Lausberg afirma:

No processo de romanização do Império, processo este que acaba por abranger também as camadas mais profundas, a língua cotidiana do homem comum, do lavrador, do soldado, do comerciante, do escravo, enfim, o chamado latim vulgar (*sermo vulgaris, plebeius, quotidianus, rusticus*)⁹ desempenhou, com o andar do tempo, um papel mais importante do que a língua literária da camada superior romana (1965, p. 48).

Portanto, não podemos dizer que o latim vulgar seja o latim falado apenas pela camada pobre da sociedade em qualquer época e em qualquer lugar. Essa definição deve ser localizada no tempo, pois, com o processo de ruralização que aconteceu em todo o Império Romano, podemos dizer que, depois de um tempo, até o mais rico dos homens tinha como língua o latim vulgar. Deve ser também localizada no espaço, porque, com a expansão do Império, o latim se difundiu em muitas regiões, ou seja, a forma popular se impôs.

⁹ Lausberg considera o latim vulgar como uma língua única, falada por toda a camada mais baixa da sociedade. Entretanto, devemos atentar para o fato de que essa camada era bastante heterogênea e que cada parte dela tinha sua própria maneira de se expressar, seus próprios jargões e que, portanto, não podemos pensar em *sermo vulgaris, plebeius, quotidianus* ou *rusticus* como formas idênticas do latim vulgar.

A expansão territorial, ocorrida entre os séculos V a.C. e II d.C. (ILARI, 1992, p. 42), desencadeia outro fator considerado por muitos autores: a variação horizontal, que se refere às diferenças linguísticas entre os moradores das diferentes regiões do Império Romano, que se tornava mais vasto a cada nova conquista. Roma conquistou em pouco mais de meio século toda a Itália peninsular; tomou de Cartago, vencendo a primeira Guerra Púnica, a Sicília, a Sardenha e a Córsega; dominou, ao norte, a Ligúria, a Ilíria e a Gália Cisalpina; estabeleceu, após vencer a segunda Guerra Púnica, colônias na Ibéria; tomou parte do território da Anatólia; submeteu a Macedônia e a Grécia; submeteu Cartago ao fim da terceira Guerra Púnica; conquistou, por fim, a Lusitânia e a Gália Narbonense, dominando, assim, toda a Europa mediterrânea e ainda alguns territórios da África e da Ásia (id., ibid, p. 42-44). Essas conquistas eram realizadas por soldados e as pessoas que se instalavam nessas novas áreas a serem colonizadas eram populares, humildes. Segundo Maurer, “a colonização romana das regiões conquistadas, fator precípua da latinização, se fez sobretudo com a massa popular constituída da plebe romana e de grande número de elementos por ela assimilados” (1962, p.106). Portanto, a língua que esses povos colonizados aprendiam era o latim vulgar, plebeu.

Essa língua “vulgar”, como era de esperar, não permaneceu estática na boca dos povos colonizados, mas foi fortemente influenciada pelas línguas com as quais entrou em contato; logo, em cada lugar dominado se tinha um tipo diferente de latim, em decorrência dos diferentes substratos¹⁰ que, segundo Basseto (2001, p. 153), eram muitos por causa da grande diversidade de povos na Itália antiga. Isso aconteceu porque os povos dominados acabavam adotando com certa facilidade o latim, pois ele estava ligado ao prestígio dos conquistadores (id., ibid). Entretanto, aplicavam características

¹⁰ Substrato pode ser definido como o conjunto de” marcas linguísticas advindas do povo que abandona seu idioma, levadas para a língua que passa a adotar” e cuja ação “depende de causas sociais, políticas, históricas e até estilísticas” (BASSETO, 2001, p. 153 e 154).

(como pronúncia, prosódia, léxico, sintaxe) de sua própria língua ao latim que passavam a falar. Essas características, muitas vezes, perderam-se nas regiões mais fortemente romanizadas, porém, em alguns lugares, provocaram inovações que, segundo Ilari (1992), foram o ponto de partida para a dialeção do latim.

Além da importância dos substratos no processo de evolução do latim vulgar, temos a influência dos superstratos¹¹ de idiomas, sobretudo de origem germânica, que entraram em contato com o latim a partir das invasões dos povos chamados bárbaros.

Para Lausberg,

Quanto ao aspecto geográfico, em consequência do trânsito e intercâmbio que percorriam todo o Império, existiu uma nítida tendência para a uniformização da língua e para o nivelamento das diferenças regionais do latim, originadas pelo respectivo substrato. Esta tendência, porém, nunca resultou num êxito completo: as diferenças regionais herdadas mantiveram-se e, com o desenvolvimento do Império que terminou com a sua dissolução, juntaram-se-lhes até outras novas (1965, p. 49).

Dessa forma, o latim vulgar que era falado em Roma pode ser diferenciado do que era falado nas diversas províncias do Império a partir do aspecto da variação horizontal. Porém, devemos notar que, apesar de levarem todas o nome de latim vulgar, as línguas faladas nas províncias apresentavam diferenças, haja vista os diferentes substratos com que entraram em contato, ou seja, ao entrar em contato com diferentes línguas nos diferentes territórios, o latim vulgar acabou modificando-se de uma forma em cada lugar e essas modificações foram se acentuando até que originaram as línguas românicas, diferentes entre si, mas com certas semelhanças que denunciam sua origem comum.

¹¹ Superstrato designa as influências do idioma do povo dominador no idioma do povo dominado (BASSETO, 2001, p. 157).

1.2 Homogeneidade e heterogeneidade

A partir dessas questões de diferenciação espacial, surge uma discussão sobre a unidade do latim vulgar. Enquanto o latim clássico possuía um respaldo na escrita e, por isso, tinha uma unidade notável e não estava sujeito a mudanças rápidas, o latim vulgar, por ser eminentemente falado, submetia-se mais facilmente às influências externas e, dessa forma, foi derivando para dialetos regionais que acabaram por dar origem às línguas românicas (cf. ILARI, 1992). Além disso, o latim vulgar viveu por muito tempo e o espaço de tempo disponível para que ele se transformasse foi muito grande.

Väänänen afirma:

O latim vulgar (...) compreende os estados sucessivos desde a fixação do latim comum, no fim do período arcaico, até a véspera da adequação por escrito de textos em língua romance; não se excluem, pois, nem as variações sociais, nem as regionais.¹²

Logo, dado que essa língua é estabelecida antes do século III a.C., e que, embora alterada, prolonga-se, mesmo com dialetação, até o século VIII d.C., torna-se ainda mais compreensível sua heterogeneidade. Para Lausberg, “o latim vulgar não era uma língua uniforme: nem no aspecto social, nem no aspecto cronológico e geográfico” (1965, p. 49). De fato, diferentes povos em diferentes lugares e diferentes épocas que falaram o latim vulgar certamente não o falaram da mesma maneira.

Entretanto, devemos nos ater também à relativa homogeneidade da língua, visto que todas as línguas que se originaram dela têm muitos traços em comum, por mais sutil que sejam às vezes. Isso fica evidente se nos ativermos ao número de concordâncias nas

¹² “(...) el latín vulgar (...) comprende los estados sucesivos desde la fijación del latín común, al terminar el período arcaico, hasta la víspera de la consignación por escrito de textos en lengua romance; no se excluyen, pues, ni las variaciones sociales ni aun las regionales (1968, p. 35).”

línguas românicas tanto na fonética como na morfologia, na sintaxe e no léxico, que, como afirma Maurer (1962, p. 178), sugerem uma unidade notável, embora não absoluta do latim vulgar. Por exemplo, a palavra rosa, em português, tem os equivalentes rosa, em espanhol, italiano e catalão, rose, em francês, e roz, em romeno. Essa semelhança no léxico dessas línguas (apesar das diferenças fonéticas), que se originaram todas do latim vulgar, mostra que esse teve, em algum momento, uma significativa unidade, ainda que, com o tempo, tenha se diferenciado nos diferentes lugares. Maurer (ibid., p. 177) atenta para o fato de que enquanto nos estudos românicos do século XIX era comum por parte dos linguistas a tentativa de uma reconstrução homogênea do latim vulgar, visto que eles desconheciam a imensa variação dialetal existente já na época do Império, hoje ainda pecamos ao ignorar aspectos dessa variedade.¹³

Também é importante lembrar que o latim vulgar que se espalhou pelo Império nasceu antes da colonização das províncias. Maurer (ibid., p. 180) afirma que, no fim do período republicano, o latim falado pelas classes mais baixas ocorria apenas em Roma e seus arredores e que sua unidade original se deu entre o fim da República e o início do Império. Dessa forma, podemos concluir que, por ter nascido em um espaço relativamente restrito, o latim vulgar tenha surgido com significativa unidade, que, mesmo que tenha diminuído em decorrência dos já comentados substratos e superstratos dos diferentes povos com os quais entrou em contato durante a expansão territorial, não desapareceu por completo (pelo contrário, modificou-os).

¹³ O 'hoje' de Maurer faz referência a algumas décadas atrás. Hodiernamente tem-se olhado, ou, ao menos, buscado olhar para essa variedade dialetal.

1.3 Língua falada x língua escrita

Outro fator de caracterização do latim vulgar é a oposição entre língua falada e língua escrita. Muitas vezes, o latim vulgar e o latim clássico foram erroneamente relacionados, respectivamente, à língua falada e à língua escrita (ILARI, 1992, p. 61). Mas “o latim vulgar (...) não era simplesmente o latim falado de Roma, em oposição a um latim literário criado artificialmente” (MAURER, 1962, p. 138). De fato, o latim vulgar foi uma língua essencialmente falada que aparece raríssimas vezes nos textos escritos;¹⁴ entretanto, devemos lembrar que o latim clássico, além de ser a língua usada na literatura, era a língua falada pelas camadas mais altas da sociedade.

Lausberg estabelece uma distinção entre língua escrita e língua falada não em relação à oposição latim clássico x latim vulgar, mas dentro do próprio latim clássico. Segundo ele,

também a fala cotidiana das pessoas cultas não alcançou o nível gramatical e retórico da língua literária. Assim encontra-se abaixo da língua escrita uma variedade de falas mais ou menos vulgares, que só raras vezes nos são documentadas na fixação por escrito (1965, p. 48).

Apreende-se do comentário de Lausberg que ele considera a presença de uma língua cotidiana da aristocracia, menos refinada, mas que não chega a ser a língua vulgar. Contudo, sua afirmação parece ser um tanto taxativa ao considerar que a fala cotidiana da aristocracia não possa alcançar “um nível gramatical e retórico” semelhante

¹⁴ Existem textos que opõem intencionalmente duas formas de latim, como, por exemplo, o *Appendix Probi*, que traz uma lista com mais de 200 “erros” e suas correções. Há também obras em que o latim vulgar penetra parcialmente, como a *Peregrinatio ad loca sancta*, da monja Aetheria ou o *Satyricon*, de Petronio. Podemos ainda encontrar vulgarismos nas inscrições latinas, sobretudo nas ditas “tabuinhas execratórias”. É importante ressaltar que não são textos de latim vulgar, mas exemplos em que aparecem vulgarismos, características da língua vulgar.

ao da língua literária, pois, a depender da situação cotidiana do falante culto, ele poderia lançar mão, sim, de uma fala mais estilizada.¹⁵ Pensemos, por exemplo, nos discursos de Cícero, proferidos no Senado, ou, mesmo, conversando informalmente com César. Nas *Epistulae ad familiares* de Cícero temos um extenso exemplo do uso do latim puramente clássico em contexto informal.¹⁶ Dessa forma, concluímos que o latim vulgar não deve ser jamais definido como latim apenas falado, pois, além dele e da língua literária, uma outra variedade ainda é usada na fala da aristocracia e essa linguagem sequer se aproxima do latim vulgar.

Também há asserções que pretendem definir o latim vulgar a partir de uma oposição com a língua clássica, como faz, por exemplo, Väänänen: “O termo latim vulgar, consagrado por um uso centenário para designar os diversos fenômenos latinos que não estão de acordo com as normas clássicas”¹⁷. Creio que essa proposta de análise seja um pouco simplificadora, pois não diz o que ele é, mas apenas o que ele não tem de semelhante com a língua literária, que, por conta de aparecer mais em textos escritos, conhecemos bem.

1.4 Variedade Linguística

Uma maneira de definir o latim vulgar considerada por alguns romanistas, e que parece fazer muito sentido, é pensá-lo como uma variedade do latim. A maioria dos autores usa o termo “língua vulgar”, mas, provavelmente, sem querer significar que o

¹⁵ Pensemos que o latim clássico, literário, nada mais é do que uma estilização do sermo urbanus (cf. Bassetto, p. 91).

¹⁶ Bassetto (2001, p. 90) traduz a passagem de Cícero em *Ad familiares*, IX, 21: “Que pareço eu a ti nas cartas? Não pareço tratar contigo na língua do povo... Pois costumamos tecer as cartas com as palavras do dia a dia.” (*Quid tibi ego in epistulis uideor? Nonne plebeio sermone agere tecum... Epistulas vero cotidianis verbis texere solemus*).

¹⁷ “El término latín vulgar, consagrado por un uso centenario para designar los diversos fenómenos latinos que no están de acuerdo con las normas clásicas (VÄÄNÄNEN, 1968, p. 31).”

latim vulgar seja, de fato, uma língua diferente da língua clássica; afinal, havia grandes diferenças entre as duas, mas essas não eram tão grandes para que fossem consideradas duas línguas diferentes. Maurer afirma que “se pensar em duas línguas é errôneo, os fatos nos obrigam, entretanto, a distinguir duas correntes vivas na língua falada desde uma época bastante antiga” (1962, p. 92).

Silva Neto, por sua vez, propõe quatro correntes da língua falada, se tomarmos emprestada a terminologia usada por Maurer:

podemos admitir quatro matizes da língua corrente: familiar (latim das classes médias, dos honestiores – influenciado pela urbanitas); vulgar (latim das baixas camadas da população, dos escravos); gírias (militar, dos gladiadores, dos marinheiros, etc); provincial. Afinal cada um desses estilos do latim é a soma dos estilos dos membros da respectiva classe social (1957, p. 27).

Ilari considera também a situação de fala dizendo que “Não fica excluído que essa variedade pudesse ser falada também pela aristocracia em situações extremamente informais” (1992, p. 60). De fato, é provável que isso acontecesse quando, por exemplo, um aristocrata fosse falar com seu escravo, mas, em situações informais com sua família ou seus amigos, eles poderiam usar também uma forma mais despojada da língua clássica, mas dificilmente o latim vulgar, visto que havia na aristocracia uma tradição de se formar oradores e que, portanto, o latim que eles aprendiam desde cedo era aquele consagrado pelos grandes oradores, pelo qual estavam interessados os grammatici.

Silva Neto, a fim de afirmar que o latim clássico e o vulgar são apenas variedades da mesma língua, o latim, diz que “não se pode deixar de aplaudir a Marx quando ele assevera que, em todos os lugares e em todos os tempos, só houve um único latim, o qual dominou todas as camadas da população e foi tão ricamente diferenciado como os indivíduos que o falavam” (1957, p. 22). Entretanto, ao dizer que “em todos os

lugares e em todos os tempos só houve um único latim”, o autor parece desconsiderar que havia o latim clássico, que o espaço e o tempo fizeram com que deixasse de existir como língua de uso, e, além disso, o latim vulgar (também diferente, a depender do tipo de falante) das diferentes províncias, que se transformou de diferentes maneiras nos diferentes lugares a ponto de resultar nas línguas românicas.

II. O LATIM VULGAR PARA OS ANTIGOS

O sermo uulgaris, expressão que deu origem à denominação latim vulgar, não fazia referência, na Antiguidade, à língua falada pela plebe, mas era usado sobretudo como sinônimo de sermo quotidianus, ou seja, a língua falada pela aristocracia em situações informais, mas que, nem por isso, deixava de ser “clássica” (cf. Maurer, 1962).

Os gramáticos e mestres de retórica latinos sugeriam que se fizesse uso de um latim próximo ao utilizado na cidade de Roma, falado sobretudo pelos oradores e aristocratas e distante do que era utilizado nos campos e pelos estrangeiros, de acordo com o ideal da urbanitas, que consistia na valorização das qualidades associadas à Vrbs, ou seja, à cidade de Roma, no caso a sofisticação, a polidez, o refinamento, o estilo elegante e brilhante e o “bom gosto” dos moradores da cidade.¹⁸

Essa urbanidade passa também pela língua. Encontramos, por exemplo, em Cícero, comentários acerca de uma pronúncia do latim própria dos moradores de regiões afastadas da Urbe romana e denominada rustica, ou mesmo dos estrangeiros, que denuncia uma “contaminação”, digamos, com a sonoridade da língua materna desse falante – o que deveria ser evitado:

Por isso, visto que há certa pronúncia particular aos romanos, próprio de sua origem e da cidade, em que não há nada que possa ofender, nada que desagrade, nada que se censure, nada que possa soar ou cheirar a estrangeiro, sigamos esse, e

¹⁸ “urbanitas ~atis, f. **1** The qualities typical of a city-dweller, sophistication, polish, or sim.; also, refined politeness, suavity, urbanity. **b** (directly assoc. w. urbs) the condition of living in a city (in quot Rome). **2** Refinement or polish or style, esp. as marked by elegance, good taste, brevity, etc. **b** (in restricted sense) elegance or smartness of humor, wit (Oxford Latin Dictionary, 1968, p. 2105).”

aprendamos a evitar não apenas a aspereza dos campos, mas também a novidade estrangeira.¹⁹

Neste excerto, Cícero condena o uso de formas que remetam ao campo ou ao estrangeiro, ou seja, ele considera imprópria qualquer variante que não esteja de acordo com a variedade da *Vrbs*, que não apresentaria defeitos. O desdém pela variedade que não é a da aristocracia romana pode ser percebido também pela escolha lexical de Cícero: o termo *olere peregrinum*²⁰ (“cheirar a estrangeiro”) parece deixar ainda mais explícita a aversão pela influência da língua estrangeira.

Quintiliano expressa a mesma posição, ao elogiar o uso urbano e defini-lo como o que é contrário à *rusticitas*:

Com efeito, quando se fala de urbanidade, vejo indicar-se com esta palavra precisamente um certo gosto citadino [*gustum urbis*] que é manifestado no discurso através dos vocábulos, da pronúncia e de seu uso particular, bem como um alto nível de cultura não ostentada, extraída das conversas entre pessoas instruídas; numa palavra, tudo o que é contrário à *rusticidade*.²¹

Assim como Cícero, Quintiliano elogia a linguagem da cidade, com seus vocábulos, sua pronúncia e seu uso próprios, que refletiriam a intelectualidade de seus falantes, em oposição à variedade do campo, que não apresentaria essas características nem remeteria à uma boa instrução por parte de quem a usa. Além disso, podemos notar, em Cícero, que essa excelência do latim da cidade não estava presente apenas na boca dos oradores:

¹⁹ *Quare cum sit quaedam certa uox Romani generis urbisque propria, in qua nihil offendi, nihil displicere, nihil animaduerti possit, nihil sonare aut olere peregrinum, hanc sequamur, neque solum rusticam asperitatem sed etiam peregrinam insolentiam fugere discamus* (Cic., *De or.*, III, 44).

²⁰ “*peregrinitas* ~*atis*, f. Outlandishness, foreignness; (leg.) alien status, alienage. (Oxford Latin Dictionary, 1968, p.1335).”

²¹ Tradução de Charlene Miotti (2010, p. 156). *Nam et urbanitas dicitur, qua quidem significari uideo sermonem praefertentem in uerbis et sono et usu proprium quendam gustum urbis et sumptam ex conuersatione doctorum tacitam eruditionem, denique cui contraria sit rusticitas* (Quint., *Inst. or.*, 6, 3, 17).

E Bruto diz: Qual é, afinal de contas, esse aspecto particular da urbanidade?

Não sei, direi; somente sei que existe algum. Tu, Bruto, já entenderá isso, quando vieres à Gália; ouvirás, então, de fato também certas palavras que não são habituais em Roma, mas elas podem ser mudadas e esquecidas; aquilo é maior, porque nas vozes dos nossos oradores ele se conserva e algo ressoa mais urbano. Isso aparece não somente nos oradores, mas também em outros.²²

Após ressaltar a existência de diferenças lexicais entre Roma e a província gaulesa (e enfatizar que essas palavras podem ser mudadas ou esquecidas), Cícero atenta para o fato de que o aspecto, a “cor” particular da fala urbana não se restringe apenas ao vocabulário, mas é muito maior que isso: nos oradores romanos há um certo tom que remete à urbanidade e que provavelmente não pode ser mudado ou esquecido tão facilmente. Da mesma forma, não pode ser aprendido facilmente, o que mostra o abismo que separa o latim falado pelas pessoas que têm sua origem na cidade e o falado pelas que vêm de fora dela. Segundo Cícero, esse tom está presente não apenas nos oradores, mas também em outros romanos – no caso, nos aristocratas.

Podemos encontrar em Quintiliano a noção de que o modo de falar das pessoas comuns não difere do modo dos oradores:

Não é outra, porém, a regra de elocução que não a do próprio discurso oratório. Pois, como aquela deve ser isenta de erros, clara, elegante e adequada, assim também esta deve ser. Será irrepreensível, isto é, livre de vício, se a boca tiver sido fluente, inteligível, agradável e urbana, isto é, na qual nunca ressoe nem alguma rusticitas nem a peregrinitas.²³

²² Et Brutus: Quid est, inquit, iste tandem urbanitatis color? Nescio, inquam; tantum esse quendam scio. Id tu, Brute, iam intelleges, cum in Galliam veneris; audies tum quidem etiam verba quaedam non trita Romae, sed haec mutari dediscique possunt; illud est maius, quod in vocibus nostrorum oratorum retinnit quiddam et resonat urbanus. Nec hoc in oratoribus modo apparet sed etiam in ceteris (Cic., Brut., 171).

²³ Non alia est autem ratio pronuntiationis quam ipsius orationis. Nam ut illa emendata dilucida ornata apta esse debet, ita haec quoque. Emendata erit, id est vitio carebit, si fuerit os facile explanatum

Para Quintiliano, as regras da elocução não são outras que a da própria oratória. Entretanto, é importante ressaltar que a elocução a que ele faz referência é a da aristocracia, que, mesmo em situações informais, fazia uso de uma língua “isenta de erros, clara, elegante e adequada”. Do lado oposto está uma língua influenciada pelos costumes do campo e pelos estrangeirismos e que, por isso, afasta-se da urbanitas e torna-se censurável.

Encontramos também em Cícero a aproximação entre a linguagem do cotidiano e a da oratória:

Dessas coisas são feitos os versos e, dessas mesmas coisas, os ritmos irregulares; dessas coisas também é feita esta linguagem livre, de medidas variadas e de gêneros diversos. Pois não são umas as palavras da linguagem familiar e outras as do debate, nem são adotadas palavras de um tipo no uso cotidiano e de outro no palco e nas solenidades; mas no momento em que adotamos essas palavras, que estão à disposição, do meio comum, damos forma a elas e as modelamos, assim como a uma cera muito mole, de acordo com nossa vontade. Assim como ora somos solenes, ora somos sutis e ora temos um certo meio termo, o tipo de discurso segue nosso intento estabelecido, e esse é mudado e transformado para o completo prazer dos ouvidos e a comoção do espírito.²⁴

Segundo Cícero, não há diferença entre as palavras usadas em conversas com a família, em situação cotidiana (ad usum cotidianum)²⁵ e as usadas nos debates, em

iucundum urbanum, id est in quo nulla neque rusticitas neque peregrinitas resonet (Quint., Inst. or., 11, 3, 30).

²⁴ Ex hac uersus, ex hac eadem dispaes numeri conficiuntur; ex hac haec etiam soluta uariis modis multorumque generum oratio. Non enim sunt alia sermonis, alia contentionis uerba neque ex alio genere ad usum cotidianum, alio ad scaenam pompamque sumuntur; sed ea nos cum iacentia sustulimus e medio, sicut mollissimam ceram ad nostrum arbitrium formamus et fingimus. Itaque ut tum graues sumus, tum subtiles, tum medium quiddam tenemus, sic institutam nostram sententiam sequitur orationis genus idque ad omnem aurium uoluptatem et animorum motum mutatur et uertitur (Cícero, De or., III, 177).

²⁵ Podemos notar isso no excerto de Cícero em Epistulae ad familiares citado à nota 16.

momentos formais. Aqui, assim como ressaltamos no excerto anterior de Quintiliano, devemos notar que essa linguagem familiar e cotidiana a que ele se refere é exclusivamente a da porção rica e instruída de Roma e não engloba o falar das situações informais da plebe, visto que essa possuía um vocabulário repleto de influências estrangeiras.

Nesse mesmo trecho, Cícero afirma que a fala pode adquirir diversos tons (podemos ser solenes, sutis ou adotar um meio termo) e que a escolha de um deles depende da intenção do falante e da situação de fala. Entretanto, independentemente da postura adotada no discurso, as palavras serão sempre as mesmas, podendo ser moldadas de acordo com o interesse de quem as usa.

Podemos também encontrar em Cícero instruções para falar um “bom latim”:

E para falarmos um bom latim não só deve ser observado que enunciemos palavras que ninguém, com justiça, repreenda, e assim respeitemos seus casos, tempos, gênero e número, para que nada esteja desordenado e discrepante ou em ordem inversa, mas também que a fala, a respiração e o próprio som da voz sejam moderados.²⁶

Neste excerto, apesar de não encontrarmos referências diretas ao latim falado pela plebe, podemos deduzir que o uso de palavras repreensíveis, o desrespeito aos casos, tempos, gênero e número, a desordem e a ordem inversa a que Cícero faz referência são características do latim vulgar. Dessa forma, para falar de forma correta o latim, é necessário fugir desses desvios e adquirir certa moderação, de maneira que o falante soe mais urbano.

²⁶ Atque ut Latine loquamur, non solum uidendum est ut et uerba efferamus ea, quae nemo iure reprendat, et ea sic et casibus et temporibus et genere et numero conseruemus, ut ne quid perturbatum ac discrepans aut praeposterum sit, sed etiam lingua et spiritus et uocis sonus est ipse moderandus (Cic., De or., III, 40).

Ainda em Cícero, podemos notar os motivos pelos quais uma pessoa, da qual, porventura, não se esperaria que falasse um bom latim, o faz:

Mas toda elegância do dizer, embora se instrua na ciência das letras, é, todavia, enriquecida pela leitura dos oradores e dos poetas. Pois aqueles antepassados, que ainda não podiam ornar o que diziam, falaram todos de forma quase brilhante; os que se acostumarem ao discurso deles, na verdade, não poderão falar, mesmo que queiram, outra coisa que não latim. Porém, não deverá recorrer a palavras que já não são do nosso uso cotidiano, a não ser na ocasião em que o motivo é o adorno, mas com comedimento, como exporei; mas esse quem se voltar muito e com afinco aos escritos dos antigos poderá assim fazer uso do que é habitual, de modo que se utilize o que é mais comum.²⁷

Para Cícero, o segredo para falar bem o latim é, sem dúvida, inspirar-se no que foi legado pelos oradores e pelos poetas. Na verdade, a simples leitura deles já faria com que o falante se acostumassem com certas formas e fizesse uso delas espontaneamente e, ao utilizar essas palavras e essas construções consagradas pelos escritores, ele estaria certamente fazendo um bom uso da língua. Ao sugerir a leitura dos oradores e poetas como premissa para se falar um bom latim, Cícero mostra basear-se, de certo modo, em uma tradição de textos escritos.

Além disso, ele recrimina o uso de arcaísmos, afirmando que, salvo situações em que a intenção é o adorno, é necessário fugir das palavras que já não fazem mais parte do cotidiano, usando sempre o que é o mais habitual. Para Quintiliano, a clareza, uma das maiores virtudes do discurso, fica comprometida quando se usa o que não se pode mais compreender. É importante notar que, enquanto o latim clássico desprezava os

²⁷ Sed omnis loquendi elegantia, quanquam expolitur scientia litterarum, tamen augetur legendis oratoribus et poetis. Sunt enim illi ueteres, qui ornare nondum poterant ea quae dicebant, omnes prope praeclare locuti; quorum sermone assuefacti qui erunt, ne cupientes quidem poterunt loqui nisi Latine. Neque tamen erit utendum uerbis eis, quibus iam consuetudo nostra non utitur, nisi quando ornandi causa parce, quod ostendam; sed usitatis ita poterit uti, lectissimis ut utatur is qui in ueteribus erit scriptis studioso et multum uolutatus (Cic., De or., III, 39).

arcaísmos, umas das características mais marcantes do latim vulgar é a de conservar muitos deles (cf. Maurer, 1962).

Entretanto, para Cícero, haveria ainda outra maneira de uma pessoa falar bem o latim:

Contudo, havia alguns que consideravam Cúrio o terceiro daquela geração, provavelmente porque fazia um uso mais esplendoroso das palavras e porque falava um latim que não era de todo mau, por certa prática, creio, em casa. De fato, absolutamente nada sabia de literatura; mas é muito importante os tipos de falantes com quem cada um entra em contato em casa diariamente, com quem se fala desde criança e o modo com que os pais, os mestres e também as mães lhe falam²⁸.

Portanto, para Cícero, é aconselhável que uma pessoa leia os oradores e poetas para acostumar-se com determinado uso; entretanto, ele cita o exemplo de Cúrio, que nada sabia de literatura, mas que era um dos que utilizavam melhor a língua. Esse fato é justificado pelo contato que Cúrio teve com uma boa língua em casa. Nesse trecho, Cícero deixa bem clara a importância de ouvir um bom latim no cotidiano, desde criança, para que se possa reproduzi-lo de forma adequada.

Por fim, além da forte recriminação às formas que remetem ao campo e às províncias, os gramáticos e mestres de retórica condenavam o uso de palavras gregas. Cícero diz que “devemos fazer uso dessa língua que nos é inata, para que não riam de nós, com todo o direito, como daqueles que amontoam palavras gregas.”²⁹ A partir disso, podemos notar que o uso de vocábulos estrangeiros não era bem visto pelos falantes de latim clássico. Como vimos anteriormente, isto se deve ao respaldo que o

²⁸ Erant tamen quibus videretur illius aetatis tertius Curio, quia splendidioribus fortasse verbis utebatur et quia Latine non pessime loquebatur, usu, credo, aliquo domestico. Nam litterarum admodum nihil sciebat; sed magni interest quos quisque audiat cotidie domi, quibuscum loquatur a puero, quem admodum patres paedagogi matres etiam loquantur (Cícero, Brut., 210).

²⁹ Sermone eo debemus uti qui notus est nobis, ne ut quidam Graeca verba inculcantes iure optimo rideamur (Cic. De off. I, 111).

latim clássico tinha na escrita, que fazia dele uma língua menos aberta a modificações, influências e empréstimos. De forma oposta, o latim vulgar, por ser sobretudo falado, estava mais sujeito a isso, tanto que incorporou muitas palavras estrangeiras, inclusive gregas, em seu vocabulário (cf. Maurer, 1962).

Entretanto, apesar de defender o uso das palavras latinas em detrimento das gregas, Cícero reconhece o valor dessas: “Façamos antes uso da boa qualidade de nossas palavras que do esplendor das gregas.”³⁰ A preferência pelas palavras latinas parece ser apenas uma questão de identidade e não de estilo, visto que, para ele, enquanto essas são de “boa qualidade”, as gregas possuem “esplendor”.

³⁰ Bonitate potius nostrorum verborum utamur quam splendore Graecorum (Cícero. Or., 164).

CONCLUSÃO

Como pudemos notar, os estudiosos da Antiguidade, por seguirem o ideal da urbanitas, valorizando, sobretudo, os costumes típicos da aristocracia da cidade de Roma, não se dedicavam ao estudo da língua falada pela plebe. Eles não estavam interessados no estudo de uma língua abstrata; afinal, eram os responsáveis por formar os oradores, os quais tinham uma tradição a seguir no que confere ao uso da língua. Através de suas obras, o que é possível fazer é uma tentativa de vislumbrar como seria o latim vulgar nas menções que eles fazem ao mau uso da língua latina, ou seja, quando fazem referência à influência (no contexto do discurso oratório) da rusticitas e da peregrinitas, modo de falar dos camponeses e dos estrangeiros, respectivamente, que não podem ser tomadas como sinônimos de latim vulgar, dado que, apesar de ambas serem variedades desse latim, não o caracterizam por completo; afinal, o latim vulgar não era composto apenas pela maneira de falar dos campos ou de regiões conquistadas, mas também pelas variedades dos escravos, dos militares, dos marinheiros, que conferiam diversidade a essa língua.

Em oposição aos estudos da Antiguidade, os quais não davam atenção à língua dita, hoje, vulgar, os atuais estudos linguísticos demonstram, desde o século XIX, com Friedrich Diez, grande interesse pelo latim vulgar e pelas línguas românicas. Considerando isso, valemo-nos dos estudos de diversos romanistas da atualidade para verificar como definem latim vulgar.

A partir da análise das definições dos autores contemporâneos, fomos levados a pensar que, apesar de corretas, elas nos deixam lacunas. Estão corretas, dado que definem o latim vulgar através de suas características (como a homogeneidade e a heterogeneidade ou o fato de ser, sobretudo, falado) e de seu uso (que, como vimos

anteriormente, depende de fatores sociais e espaciais), em contrapartida, apresentam lacunas porque não localizam essas características no tempo e no espaço.

Considerando que o latim vulgar já estava constituído quando o latim clássico atingiu seu apogeu, conviveu com ele e sobreviveu a ele, não podemos pensar nele sem considerar sua evolução (no sentido de mudança) no tempo. Dessa forma, fica claro que, para defini-lo de maneira mais clara, a análise dos diferentes critérios usados deve ser feita tendo em vista um mesmo período, visto que, não existe uma única caracterização que sirva para toda a sua vigência.

Como a história do latim vulgar é muito vasta, fica pressuposta a necessidade de um estudo diacrônico para que se possa abarcar sua totalidade, portanto, os autores não escolhem para análise uma época delimitada, na qual não tenha ocorrido nenhuma mudança muito significativa na língua, na história e na sociedade, mas sim toda a época em que se passou a história do latim vulgar.

Segundo Saussure, a diacronia não exclui a sincronia³¹ (1974, p. 112). Lausberg diria: “A sincronia propriamente dita é um momento dentro do fluir contínuo da diacronia, da história” (1965, p. 13). Dessa forma, acreditamos que, no caso do latim vulgar, a soma de estudos sincrônicos deve compor o estudo diacrônico, ou seja, analisando as características estáticas da língua e da sociedade em cada época e lugar separadamente, seria possível, posteriormente, comparar essas “fases” e demonstrar a evolução ocorrida, tanto na sua história interna quanto externa, de forma mais completa e com menores lacunas, visto que, assim, estudaríamos as características da língua vulgar (e seu estatuto) restritas a cada época e não um aspecto de uma época, outro de outra, como encontramos nos estudos atuais.

³¹ A linguística sincrônica estuda as relações entre os termos coexistentes de um estado de língua; a linguística diacrônica, os termos sucessivos que se substituem ao longo do tempo (SAUSSURE, 1974, p. 163).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Edições e traduções de textos antigos

CARDOSO, I. T. **Estico de Plauto**. Campinas: Unicamp, 2006.

CICERO. **Brutus**. Tradução de G. L. Hendrickson. Londres: Harvard University, 1997.

CICERO. **De officiis**. Londres: Harvard University, 1997.

CICERO. **De oratore**. Londres: Harvard University, 1996.

CICERO. **Orator**. Tradução de H. M. Hubbell. Londres: Harvard University, 1997.

CICÉRON. **Brutus**. Tradução de Jules Martha. Paris: Les Belles Lettres, 1973.

CICÉRON. **De l'orateur**. Tradução de Edmond Courbaud. Paris: Les Belles Lettres, 1957.

MIOTTI, C. M. **Ridentem dicere uerum: o humor retórico de Quintiliano e seu diálogo com Cícero, Catulo e Horácio**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PETRÔNIO. **Satyricon**. Tradução e posfácio de Sandra Braga Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.

QUINTILIANO. **Institutionis oratoriae libri duodecim**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1970.

QUINTILIANO DE CALAHORRA. **Sobre la formación del orador**. Tradução de Alfonso Ortega Carmona. Salamanca: Universidad Pontificia Salamanca, 1996.

QUINTILILIEN. **Institution oratoire**. Tradução de Henri Bornecque. Paris: Garnier Frères, 1954.

Manuais de linguística românica e latim vulgar

BASSETTO, B. F. **Filologia românica**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

BATTISTI, C. **Avviamento allo studio del latino volgare**. Bari: Leonardo da Vinci, 1949.

HOFMANN, J. B. **La lingua d'uso latina**. Bologna: Pàtron, 1980.

ILARI, R. **Linguística românica**. São Paulo: Ática, 1992.

LAUSBERG, Heinrich. **Lingüística Románica**. Madrid: Editoda Gredos, 1965.

MAURER Jr., T. H. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MAURER Jr., T. H. **O problema do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

RENZI, L. **Nuova introduzione alla filologia romanza**. Bologna: Il Mulino, 1994.

SILVA NETO, S. **História do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

VÄÄNÄNEN, V. **Introducción al latín vulgar**. Madrid: Gredos, 1968.

Obras de referência

GLARE, P. **Oxford Latin Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 1968.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1974.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.